

OUTROS PESCADORES ALEGAM QUE OS CARDUMES DIMINUÍRAM POR CAUSA DA POLUIÇÃO

Cricaré não está para peixe nem para pescador

Alguns profissionais deixaram a profissão por causa da redução do volume de peixes

SAMUEL SABINO

NOVA VENÉCIA. Há seis anos, para sustentar a família, o pescador Miguel Biral, 46, teve que mudar de profissão. Deixou o que fazia há 30 anos para cuidar de uma propriedade rural. Ele não teve saída: o principal produto do seu trabalho, o peixe, estava raramente no Rio Cricaré, na região do Pip-Nuck, cerca de cinco quilômetros acima do centro da cidade.

Na época, Biral dizia para os amigos que a falta de peixe naquela parte do rio seria consequência direta de uma obra feita pela Prefeitura em 1999 que aumentou em 40 centímetros a

barragem da Cachoeira Grande, no centro de Nova Venécia. Até hoje Biral acredita que a altura da represa impede a subida do cardume na época da piracema.

Depois de tanto ouvir essas lamentações, o patrão de Biral, Idáulio Bonomo, resolveu procurar a Secretaria do Meio Ambiente de Nova Venécia, que por sua vez pediu a ajuda do Instituto do Estado do Meio Ambiente (Iema). Na semana passada, técnicos do órgão percorreram parte do Cricaré e prometem enviar um relatório nas próximas semanas. "O Rio Cricaré praticamente foi dividi-

do em duas áreas distintas. Em uma, acima da cachoeira, despovoada de peixes e outra, abaixo, onde ainda é possível pescar", disse Bonomo, que também é mergulhador amador e pesca por lazer.

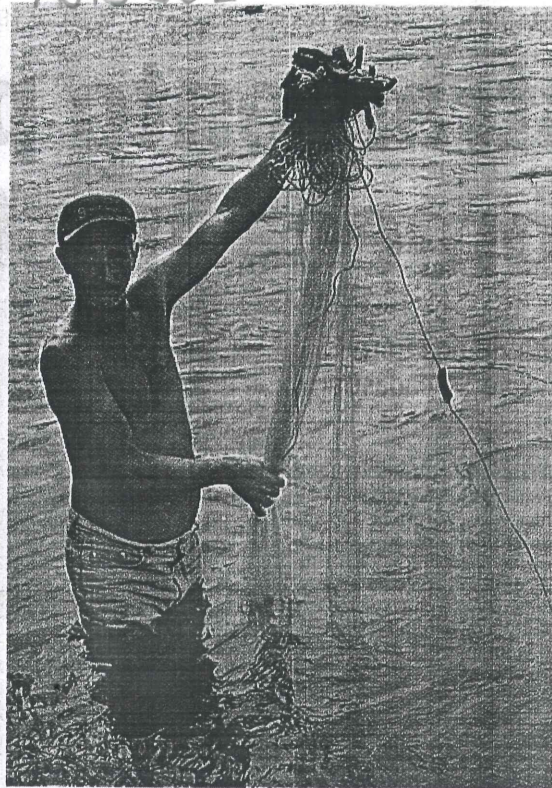
Enquanto aguarda o resultado dos estudos do Iema, Biral lembra que, anos atrás, a pescaria no Pip-Nuck lhe rendia uma média diária de dez quilos de peixes de todas as espécies como robalo, cascudo e tumatã. "Bons tempos aqueles! Hoje, mesmo armando 30 redes, como fiz dia desse, só deu para pegar uns bagrinhos".

Outra queixa. Se antes da Cachoeira Grande são poucos os sinais de vida na fauna do Cricaré, os pescadores profissionais do município há tempos tiram o sustento bem abaixo da represa, na divisa com o município de São Mateus.

É o caso de Mário Luiz Belcavello, 55 anos, o *Mário Pescador*, que desde os anos 80, quando deixou o setor madeireiro, faz da pesca o seu meio de vida. Ele é um dos oito profissionais habilitados pela Capitania dos Portos e que têm autorização do Ibama para trabalhar no município.

Para ele, problema enfrentado pelos pescadores daquela região é outro: a poluição que vem diminuindo o tamanho dos cardumes.

A13901



REDE VAZIA. Miguel Biral virou trabalhador rural porque não conseguia pescar o suficiente para manter a família. FOTO: SAMUEL SABINO

Iema ainda não sabe a causa do problema

Depois de percorrerem vários locais do Cricaré na semana passada, técnicos do Iema ainda não têm como afirmar o motivo do sumiço do cardume em parte do rio.

Para a técnica em recursos hídricos do órgão, Tatiana Pereira, pode ser que a intervenção na barragem da Cachoeira Grande feita sem estudos técnicos esteja mesmo impedindo a subida dos peixes. "Há ainda a probabilidade de espécies predadoras como o bagre africano possam estar proliferando na região".

Se o problema for a Cachoeira Grande, Tatiana su-

gere a construção de uma escada ecológica no local, o que facilitaria a subida dos peixes. Ela, ao lado dos biólogos Leonardo Bissoli e Gustavo Adolfo Braga da Rosa, também visitou a Cachoeira do Inferno, localizada cerca de sete quilômetros abaixo da Cachoeira Grande, que também estaria impedindo a reprodução dos peixes.

"Estamos só aguardando a posição oficial do Iema para tomarmos as providências necessárias para tentar salvar a fauna do Cricaré", disse Davi Veloso, da Secretaria do Meio Ambiente de Nova Venécia.

Rio nasce em Minas Gerais

Com 188 quilômetros de extensão, o Rio Cricaré nasce da fusão das águas dos rios Xopotó e Piranga, na Serra da Safra, município de Teófilo Otoni, Minas Gerais. A bacia do rio é formada por 11 municípios capixabas, uma área territorial de 10.753 quilômetros quadrados e 14 municípios de Minas Gerais, com área de 6.935 quilômetros. Os índios Aymorés, primeiros habitantes da Serra da Safra, chamavam o rio de Kiri-Kerê (Dorminhoco), por causa de suas águas tranqüilas. No século XVI os portugueses o rebatizaram São Mateus, devido à importância geográfica do rio para o desenvolvimento da vila de São Mateus. Mais tarde, voltou a ser chamado pelo nome original, porém aportuguesado como Cricaré.